

EDITORIAL . Mauro Batista

O Futuro a nós pertence

Quando percebemos que as grandes tragédias poderiam ter sido evitadas com um pouco mais de planejamento urbano, uma das primeiras conclusões é de que o brasileiro é um povo que não se prepara muito para o futuro. Embora seja verdadeira esta impressão, essa é uma realidade que está mudando. E no novo cenário que estamos preparando para o país neste exato momento, os seguros e as seguradoras possuem um papel fundamental.

Esta edição do nosso informativo nos

permite fazer estas conclusões.

Com as notícias sobre a escolha do Brasil como sede da Copa Mundo, em 2014, e das Olimpíadas, em 2016, muitos setores começaram a se movimentar para garantir a infraestrutura necessária. No mundo atual, cheio de transformações e imprevistos, ninguém vai correr o risco de planejar todas as obras que



serão necessárias sem pensar nos seguros.

Neste contexto, o Sindseg SP reafirma sua posição estratégica no mercado. Acabamos de receber os novos diretores eleitos para o triênio 2010/2013, e agora seguiremos unidos e atuantes. Aproveito para agradecer pela confiança que nos foi novamente depositada para o mandato. Estou convicto de que o setor e toda a sociedade podem contar conosco e que teremos boas conquistas. Continuamos abertos para dialogar com outras entidades, imprensa e governo em favor de um país que siga sempre em frente.

Boa leitura!

Próximo triênio será de aproximação com consumidor



Quando 2013 terminar, o Sindseg SP espera estar ainda mais próximo da sociedade. Essa expectativa foi divulgada na primeira reunião da nova diretoria do Sindicato, realizada no início de abril. Na ocasião, também foi decidida a criação do Conselho Permanente de Gestão, que será formado por representantes das associadas que queriam contribuir com ideias e projetos com a nova Diretoria eleita.

Com a diversificação da carteira de produtos, as seguradoras deverão atender às novas necessidades de variados públicos. "Reafirmamos nosso papel de nos antecipar aos problemas e de esclarecer as pessoas sobre a importância do seguro", explica o presidente reeleito, Mauro César Batista.

As conquistas recentes do Sindseg SP permitem que novos projetos entrem na pauta do próximo triênio, como o Programa Cultura do Seguro voltado para profissões e universitários. Outras ações que estão programadas são os Encontros setoriais com lideranças de diversos segmentos.

Diretoria Sindseg SP 2010-2013

MAURO CÉSAR BATISTA
Presidente

Casimiro Blanco Gomes
1º Vice-Presidente

Isair Paulo Lazzarotto
2º Vice-Presidente

Mário Jorge Rodrigues C. da Cruz
Diretor 1º Tesoureiro

Issei Abe
Diretor 2º Tesoureiro

Marcos Aurélio Couto
Diretor

Mário Jorge Pereira
Diretor

Marcelo Benevides Xavier
Diretor

Carlos André Guerra Barreiros
Diretor

André Mariano Gregori
Celso Luiz D. de Paiva
Helder Molina
Olívio Lucas Filho
Paulo de Oliveira Medeiros
Pedro Jorge de Almeida
Albuquerque
Conselheiros

Grandes obras, grandes negócios

Com o aquecimento da economia brasileira e a expectativa em relação aos jogos da Copa do Mundo (2014) e os Jogos Olímpicos (2016), o setor de construção está em pleno vapor. Estádios, ginásios, estradas e reformas são algumas das obras planejadas em diversos pontos do País. Estão previstos pelo menos R\$ 50 bilhões em infraestrutura.

Diante de toda esta euforia, fica a pergunta: qual é o papel das seguradoras? De modo particular, terão participação fundamental as seguradoras de grandes riscos. Os valores estimados pelos especialistas são altos. Espera-se uma movimentação de R\$ 3 bilhões em prêmios. A maior parte ficará com os riscos de engenharia, para construção de complexos esportivos e também com a proteção de torcedores, jogadores e equipes envolvidas nas competições. Outros tipos de seguros que também deverão ser impulsionados por estes dois grandes eventos

são o Seguro de Garantia, na modalidade de Garantia do Concorrente, garantindo a manutenção da proposta de construtora participante de uma licitação ou a modalidade de Garantia da Execução, garantindo a execução do contrato de construção pela vencedora da licitação e o Seguro de Performance, que garante a execução da obra. Como efeito dominó, outras modalidades podem sofrer aumento de vendas.

Na visão do vice-presidente da FairFax Brasil, Bruno de Almeida Camargo, tanto a Copa quanto os Jogos Olímpicos apontam para uma mudança no modo como o Brasil é visto internacionalmente. "Há algum tempo era comum ouvir que o Brasil é o país do futuro. Agora temos datas para demonstrar que somos o país do presente. Serão necessários investimentos, empenho e garantias de que as obras ficarão prontas em tempo e com segurança", analisa.



RECURSOS HUMANOS

Pesquisa Salarial chega a 16ª edição

O Sindseg SP acaba de concluir a Pesquisa Salarial 2010 entre seguradoras, com realização da empresa Sinerhgia. Foi a 16ª edição da sondagem e os dados foram apresentados na sede da entidade por José Carlos Vides, responsável pelo levantamento. "É muito importante para o setor descobrir a remuneração entre as seguradoras. Também levantamos os principais benefícios e políticas de RH", explica ele.

A pesquisa durou três meses e teve 26 empresas participantes. Foram analisados 204 cargos, número bem maior que os 50 observados na primeira edição de 1994.

A Pesquisa identificou que a assistência para educação, médica e odontológica, exames de check-up e auxílio com automóveis estão entre os principais benefícios. Nas políticas de RH, destacaram-se a remuneração variável, treinamentos e cursos, além de planos de carreira, cargos e salários.

NOVIDADE

Eventos mais seguros

Quem frequenta shows, cinema, teatro e exposições estará mais protegido. Essa é a intenção de um Projeto de Lei que tramita na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania da Câmara dos Deputados, que pretende tornar obrigatório o seguro pessoal em eventos artísticos com renda resultante da venda de ingressos.

O molde é o seguro obrigatório de danos pessoais causados por veículos automotores de via terrestre (Dpvt), incluindo os mesmos valores para indenizações em caso de morte acidental, invalidez permanente total ou parcial por acidente, assistência médica e diárias hospitalares.

Caso aprovada a Lei, alguns produtores de eventos terão de se adequar e a sociedade será beneficiada com esta proposta do deputado federal José Carlos Stangarlini. Quedas de arquibancadas, brigas de torcidas e até tiroteio mostram a necessidade destes seguros.

MERCADO

Seguro de Risco Político

Empresários que desejam investir fora do País sabem que há riscos nesta decisão. Por isso, o mercado de seguros oferece proteção contra risco político. Este tipo de seguro ajuda a empresa na gestão de eventuais perigos, especialmente porque em outros países, a multinacional estará inserida em culturas e legislações diferentes do Brasil.

No cenário nacional, o serviço é oferecido pelas empresas Zurich e Aon, mas o seguro de risco político já é muito comum no exterior. As indenizações podem chegar até 100% do investimento, com limite de US\$ 150 milhões.

As principais coberturas são para expropriações (ações ilegais ou discriminatórias de governo que privem o investimento ou que neguem pagamento de obrigações), violência política (danos físicos causados por guerra, revolução, sabotagem e terrorismo), entre outros.

Mário Sérgio de Almeida Santos

Presidente do Sincor-SP

ENTREVISTA

Novos rumos para o setor

No dia 25 de março, o Sincor-SP (Sindicato dos Corretores de Seguros de São Paulo) conheceu seu novo presidente: o paranaense Mário Sérgio de Almeida Santos que foi eleito com 70% dos votos para o triênio 2010-2013. Nascido em 1951, Mário Sérgio é corretor de seguros desde 1986 e atualmente está na função de 1º vice-presidente da entidade. Mário Sérgio concorreu às eleições com diretrizes muito bem claras que vão orientar seu mandato, conforme ele mesmo detalhou nesta entrevista exclusiva ao Notícias Sindseg SP.



Notícias Sindseg: Como o senhor avalia o setor e quais são as perspectivas para os próximos anos?

Mário Sérgio: O setor está muitíssimo bem, não temos nenhuma dificuldade financeira nem problemas com seguradora de qualquer segmento, todas estão correspondendo às expectativas do mercado. Vejo um mercado sem dificuldades até pelo menos os próximos cinco anos, é um futuro bastante promissor. Ontem, um corretor de seguros falou que está atento aos investimentos que vão acontecer na região do Vale do Paraíba, como a implantação de um trem-bala, para fazer negócios. Se o seguro das obras do trem-bala ficará com grandes corretores ou consórcios de grandes corretoras, o pequeno corretor pode fazer os seguros dos trabalhadores que virão para a obra ou das pessoas da cidade que ganharão mais dinheiro com este crescimento.

NS: O mercado de seguros está cada vez mais próximo da população de baixa renda. Qual o papel do corretor neste processo?

MS: Está sendo criado o microsseguro, mas o corretor de seguros ainda está um pouco afastado deste processo. Fica difícil para ele por conta dos baixos prêmios, a princípio parece economicamente inviável. Mas, por

outro lado, ele não pode dispensar este nicho, se conseguir criar formas de comercialização coletiva pode ser uma boa. O profissional pode levantar diversas apólices por meio de

“ Teremos um mercado sem dificuldades nos próximos cinco anos ”

uma associação de bairro, uma loja ou um time de futebol. Se ele não ingressar neste mercado, mais tarde irá lamentar, pois os grandes corretores vão encontrar formas de viabilizar a comercialização, através de contas de água ou de luz ou redes de magazines.

NS: Como o Sincor-SP espera contribuir nos próximos anos para aprimoramento dos corretores? Há algum projeto previsto?

MS: Minha plataforma de gestão para 2010-2013 está baseada em 43 itens para beneficiar a categoria e os associados. O item nº 38 fala da Unisincor (Universidade Corporativa Sincor-SP), com o objetivo de incrementar a grade de cursos, tornando-a diferenciada e abrangente das necessidades e aspirações dos corretores de seguros. Queremos cursos de alto nível, e incentivaremos parcerias

com outras instituições, como o SEBRAE-SP e faculdades. Com essa grade diferenciada, pretendemos despertar o interesse do próprio corretor, que muitas vezes envia funcionários ou esposa para os cursos, mas ele mesmo não participa. Além da Unisincor, aprimoramos os corretores por meio de eventos, mostrando novos nichos e como investir nas oportunidades. Ele não pode ficar apenas no ramo de automóvel. O Sincor-SP passa essa mensagem há tempos.

NS: Em sua avaliação, quais tipos de seguros que deverão ter destaque no mercado nos próximos anos? Podemos esperar a chegada de novas modalidades?

MS: Com os investimentos que estão sendo feitos no Brasil, como Pré-sal, Copa do Mundo, Olimpíadas é imprescindível que nosso comércio e empresariado tenham seguro de Responsabilidade Civil. Caso contrário, pode acontecer um sinistro grande e, além do prejuízo, fica mal perante os estrangeiros que estão vindo para cá. Com tantas obras, crescerão também os seguros de riscos de engenharia. E a grande expectativa, além do RC, são os seguros de pessoas.

Novas modalidades de seguros sempre são criadas e devem surgir novas necessidades que o mercado identificará. Além disso, acredito que o corretor adicionará à sua carteira produtos acessórios. Realizar trabalho de mapeamento e esclarecimentos em alternativas para os corretores de seguros também está em nossa plataforma. A certificação digital era uma tecnologia desconhecida, indicamos para os corretores atuarem nessa comercialização. Quem investiu, agora está ganhando dinheiro.

NS: Qual a expectativa do Sincor-SP sobre o relacionamento com o Sindseg SP para este novo mandato?

MS: Continuarei com a mesma parceria e com o mesmo tom nas discussões diante dos desafios das duas entidades. Sempre buscando entendimento e consenso entre as partes, ou seja, entre corretores de seguros e seguradoras.

Obras Novas, seguradoras e seguros

Dizem as más línguas que o governo estaria disposto a criar uma nova seguradora. A ideia tomou vulto depois que caiu a ficha da quantidade de grandes obras que serão realizadas no país ao longo dos próximos anos. Usinas hidroelétricas, energias alternativas, rodovias, ferrovias, água encanada e saneamento básico, para não falar no pesadelo da FIFA, a construção e reforma dos estádios para a Copa do Mundo de 2014 e as instalações para as Olimpíadas de 2016. Na conta de quem não conhece seguro, seria suficiente para justificar a criação de uma nova empresa estatal, que não tem a menor razão para ser criada, além de ir contra o que acontece na atividade seguradora.

O argumento usado é que a crise de 2008 deixou clara a fragilidade do sistema internacional de seguros e resseguros. Mas ele não se sustenta, nem mesmo quando usam o argumento da necessidade de aporte de dinheiro do governo norte-americano para salvar a AIG, porque quem fará o resseguro do grosso da obra são exatamente as resseguradoras internacionais, a maioria das quais já saiu do buraco.

Imaginar que o Tesouro brasileiro teria recursos para substituir as resseguradoras no caso de um grande sinistro é desconsiderar a economia brasileira ou, pior ainda, comprometer a pouca poupança nacional de forma

temerária e desnecessária.

Criar uma seguradora garantindo sua operação através da transferência dos riscos para o Tesouro é ir contra o princípio básico em que se assenta a atividade seguradora. Seguro é pulverização de risco. É a divisão dos prejuízos suportados por um segurado por todos os integrantes do mútuo. Atualmente a capilaridade do negócio é global. Poucas atividades econômicas conseguem uma pulverização das responsabilidades entre empresas semelhantes espalhadas pelos cinco continentes.

A criação de uma seguradora estatal, com lastro apenas no Tesouro e não na capacidade da atividade seguradora internacional, é comprometer a capacidade de investimento do país. Por outro lado, as principais seguradoras e resseguradoras internacionais estão instaladas ou operam no Brasil. É sem sentido desprezar a experiência destas empresas que, faz tempo, possuem tecnologia de sobra para fazer frente aos riscos que podem afetar as obras brasileiras.

Onerar o Tesouro baseado na falácia de que o mercado internacional de seguros e resseguros não tem solidez para assumir os riscos das novas obras brasileiras não tem cabimento. O mundo está permanentemente em obras da mesma dimensão e as seguradoras se saem muito bem, protegendo-as com sua capacidade e tecnologia.

De outro lado, se for para colocar no mercado os excedentes da capacidade de retenção de uma seguradora estatal, seria muito mais barato, e com certeza mais eficiente, contratar diretamente as empresas que já estão aqui, operando bem e com tradição neste tipo de risco.

Deixando a ideia da seguradora estatal de lado, vale salientar que efetivamente o Brasil encontra-se às portas de um momento importante para o início da execução de grandes obras de infra-estrutura.

Estas obras geram seguros de diferentes tipos, começando pelas apólices destinadas a garantir as próprias obras, passando pelos seguros de garantia de obrigação contratual, indispensáveis para suas licitações e para garantir os contratantes, pelos seguros financeiros necessários para consolidar as operações de financiamento e pelos seguros de responsabilidade civil, durante e depois da conclusão de cada projeto.

As seguradoras em operação no Brasil estão aptas a fazer frente e aceitar estes riscos. É aqui, novamente, que a ideia de uma seguradora estatal perde muito de sua força. Estes seguros vão muito além de um único tipo de garantia e algumas delas só são oferecidas por empresas altamente especializadas.



* O advogado e consultor escreve bimestralmente as notícias sindsegs
Leia também os artigos semanais de Antônio Penteadó Mendonça no site: www.sindseg.org.br

“DPVAT NA MÍDIA”

Em maio, o presidente do Sindseg SP, Mauro Batista, foi entrevistado pelo repórter Renato Biazzini para o telejornal SPTV, da Rede Globo.

A pauta abordou o DPVAT (Seguro Obrigatório de Danos Pessoais Causados por Veículos Automotores de Via Terrestre).

Durante a entrevista, Mauro Batista esclareceu que o DPVAT é um seguro social e está entre os maiores do mundo.

